opusdei.org

“Vai e faz o mesmo”: a Lei de Deus e a misericórdia

Quem é o meu próximo? O Senhor responde a esta pergunta de um doutor da Lei com a parábola do bom samaritano. Abre assim diante dele, e diante de nós, o horizonte das bem-aventuranças, que mostram a profundidade da Lei de Deus. Novo artigo sobre a misericórdia.

02/03/2017

Em certa ocasião um doutor da Lei aproximou-se do Senhor, para Lhe perguntar o que devia fazer para conseguir a vida eterna. Na realidade, queria pôr à prova a ortodoxia desse Rabi de Nazaré, de quem, ao que parece, não sabia o que pensar [1]. Mas o Senhor não se aborrece; aceita o diálogo e devolve-lhe a pergunta: «O que está escrito na Lei? O que lês tu?» [2] O doutor responde com umas palavras do *Shemá Israel, Escuta Israel* , que todo israelita aprendia em pequeno: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todas as tuas forças e com toda a tu mente» [3]; e acrescenta, com o livro do Levítico: «e ao teu próximo como a ti mesmo» [4] Nessas duas fórmulas se sintetizam toda a Lei e os Profetas [5], de modo que o Senhor diz: «respondeste bem: faz isso e viverás» [6]. O doutor não esperava que a sua pergunta se resolvesse com essa simplicidade desarmante.

«Querendo justificar-se» [7], insiste então com uma nova questão: «E quem é o meu próximo?» [8] O Senhor não se rende, quer ganhar a confiança do seu interlocutor. Fala-lhe então ao coração, e com ele aos homens e mulheres de todos os tempos, com a sua linguagem ao mesmo tempo simples e solene: é a parábola do bom samaritano.

“Fazer-se próximo”

No pobre homem assaltado no caminho de Jerusalém para Jericó, os Padres da Igreja viam Adão, e com ele – porque Adão significa precisamente “homem” – a humanidade maltratada pelo seu próprio pecado, pelo nosso próprio pecado. No bom samaritano reconheciam Jesus, que vem com paciência curar-nos, depois de terem passado ao largo aqueles que na realidade não eram capazes de trazer ao mundo a salvação. Ele, pelo

contrário, sim que pode, e quer. Assim imagina uma antiga e venerável homilia o seu encontro com Adão – que é também encontro com cada um de nós – na sua descida aos infernos: «Eu sou o teu Deus, que por ti e por todos os que hão-de nascer de ti me fiz teu filho; e agora te digo que tenho o poder de anunciar aos que estão cativos: “Saí”, e aos que se encontram nas trevas: “Iluminai-vos” e aos que dormem: “Levantai-vos”» [9]. Com Jesus, são chamados a levar a sua salvação – a ser bons samaritanos – os seus ungidos: os cristãos. Como o seu Senhor, também eles devem vendar as feridas dos homens e deitar nelas *óleo e vinho*[10]: devem ser bons estalajadeiros até ao regresso do Samaritano. «Essa pousada, se vos apercebeis, é a Igreja. Agora é pousada, porque a nossa vida é um ir de passagem; será casa que nunca abandonaremos, uma vez que tenhamos chegado sãos ao reino dos

céus. Entretanto, aceitamos com gosto a cura na pousada» [11].

Este é o horizonte que o Senhor quer abrir ao doutor da Lei e, com ele, a todos os cristãos e a todos os homens. Não lhe reprova a sua estreiteza: fá-lo pensar primeiro, e depois, sonhar: «Pois vai (…), e faz o mesmo» [12] Como sucede com frequência nos Evangelhos, é bom não passar demasiado depressa sobre a concisão do relato. A resposta à pergunta de Jesus – «quem foi o seu próximo?» – é certamente óbvia: «aquele que usou de misericórdia para com ele» [13]. O que não é evidente, pelo contrário, é *porque é que* o Senhor faz esta pergunta, que dá a volta à questão do doutor da Lei: «Jesus inverte a perspetiva: não se trata de reconhecer o outro como meu semelhante, mas de ser capaz de me fazer semelhante ao outro» [14]. Perante uma atitude que manifesta estreiteza, que delimita o campo de

ação para fazer o bem – avaliando, por exemplo, se os outros pertencem ao meu grupo, ou, se depois me devolverão o favor – o Senhor responde convidando a elevar a vista, a ser ele mesmo próximo.

A palavra *próximo* passa assim, de qualificar um tipo de pessoas que mereceriam a minha atenção, para se converter numa qualidade do coração. Pedagogia de Deus, que dá a volta à pergunta a quem fazer o bem? e assim a transfigura: o que era matéria de discussão e de casuística nas escolas rabínicas – onde estava o limite, até onde tinha que me compadecer com os outros – converte-se num desafio audaz. O cristão, dizia São João Paulo II, «não se questiona sobre a quem deve amar, porque perguntar-se "quem é o meu próximo?" já implica pôr limites e condições (...) A pergunta legítima não é "quem é o meu próximo?", mas antes "de quem me

devo fazer próximo?”. E a resposta é: “qualquer pessoa que tenha necessidades, embora me seja desconhecido, converte-se para mim em próximo, a quem devo ajudar”» [15]. É a *proximidade*[16], neologismo do Papa Francisco que nos recorda a nossa vocação para ser *próximos* do nosso próximo, a ser «ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença» [17].

O caminho para a plenitude da Lei

Poder-se-ia dizer que este diálogo com o doutor da Lei compendia o caminho que leva desde os ensinamentos morais do Antigo Testamento até à plenitude da vida moral em Cristo. É que, como recorda São Paulo, a Lei do Povo Eleito é boa e santa [18], mas não definitiva. Ordenava-se, sobretudo, a preparar os corações para a chegada de Nosso Senhor.

A pergunta do fariseu – «qual é o principal mandamento da Lei?»[19] – parece refletir certo desânimo perante a quantidade enorme de preceitos que, com una visão legalista, se tinham ido introduzindo na vida religiosa israelita. Noutro momento, Jesus Cristo queixa-se dos doutores da Lei «porque impondes aos homens cargas insuportáveis, mas vós nem com um dos vossos dedos as tocais» [20]. Ainda mais, por vezes as tradições humanas tinham acabado por ser uma desculpa para não se sujeitar a um mandato divino: assim, o Senhor denuncia a atitude daqueles que se escudavam nas oferendas do Templo para não ajudar os seus pais [21].

Por isso, Jesus Cristo aponta para o fundamental: o Amor a Deus e ao próximo. Deste modo, se cumpre o que diz d'Ele mesmo: que não veio «para abolir a Lei ou os Profetas; não vim aboli-los, mas a dar-lhes a sua

plenitude» [22]. A Aliança que Deus tinha celebrado com o seu Povo incluía determinadas prescrições que não tinham o sentido original de lhes impor cargas mas antes, muito pelo contrário, o de os levar por caminhos de liberdade: «Hoje ponho diante de ti a vida e o bem, ou a morte e o mal. Se escutares os mandamentos do Senhor, teu Deus, que eu hoje te prescrevo (...), então viverás e te multiplicarás: o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra de que vais tomar posse» [23].

A terra prometida aos hebreus é uma figura da terra interior em que os homens e mulheres de todos os tempos podem entrar, se viverem no seu autêntico sentido os mandamentos do Senhor. São uma porta para chegar à comunhão com Deus, porque fora dela qualquer outra terra é inóspita: «o que se necessita para conseguir a felicidade,

não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado» [24].

Se os preceitos rituais e legais do Povo de Israel cessaram com a vinda de Jesus Cristo, os Dez Mandamentos, conhecidos também como Decálogo, são perenes: recolhem os princípios fundamentais para poder amar a Deus – pondo-O acima de tudo, respeitando o seu nome santo, dedicando-lhe os dias de festa, como fazem os cristãos ao domingo - e aos outros - fomentando o carinho e reverência aos pais, protegendo a vida, a pureza de coração, etc. - Quantas gerações de israelitas meditaram a verdade e a solicitude de Pai contidas nessas dez palavras! «Os teus preceitos são a minha herança perpétua, a alegria do meu coração» [25], uma demonstração da misericórdia divina, que não quer que nos extraviemos, que deseja que tenhamos uma vida plena. O mundo pode opor-se, por vezes, aos

Mandamentos, como se fossem imposições fora de moda, próprias de um estádio infantil da humanidade; mas não faltam exemplos de como as sociedades e as pessoas se desmoronam quando pensam que as podem ignorar. As dez palavras do Senhor são as constantes do universo interior do homem; se se alteram, o seu coração desfigura-se.

Para que sejais filhos do vosso Pai

O Decálogo fica como que englobado na Nova Lei que Jesus Cristo instaurou ao salvar-nos dando a sua vida na Cruz. Esta Lei Nova é a graça do Espírito Santo dada mediante a fé em Cristo [26]. Portanto, agora, já não temos só um horizonte moral a que aspirar: trata-se de viver em Jesus, de nos parecermos cada vez mais com Ele, deixando que o Espírito Santo nos transforme, para assim cumprir os seus mandamentos.

Como ser mais parecidos a Jesus Cristo? Onde podemos ver o seu modo de ser? Diz o Catecismo que «As bem-aventuranças desenham o rosto de Jesus Cristo e descrevem a sua caridade» [27] Nesses ensinamentos que os evangelhos recolhem, vemos o retrato de Nosso Senhor, o seu rosto que revela o amor compassivo do Pai por todos os homens. Estes recolhem as promessas feitas ao Povo Eleito, mas aperfeiçoam-nas ordenando-as não já para a posse da terra, mas para o Reino dos Céus [28].

No evangelho de Mateus, as primeiras quatro bem-aventuranças referem-se a uma atitude ou forma de ser que se centra nas palavras de Jesus[29]: «Bem-aventurados os pobres em espírito», «os que choram», «os mansos», «os que têm fome e sede de justiça». Convidam a confiar totalmente em Deus e não nos nossos recursos humanos, a

enfrentar com sentido cristão os sofrimentos, a ser pacientes todos os dias. A estas bem-aventuranças acrescentam-se outras que põem o acento na ação: «Bem-aventurados os misericordiosos», «os limpos de coração», «os pacíficos», e outras mais que chamam a atenção de que para seguir Jesus temos que sofrer algumas contradições [30], sempre com alegria, pois «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra» [31]

As bem-aventuranças manifestam certamente a misericórdia de Deus, que se empenha em dar uma alegria sem limites àqueles que o seguem: «Alegrai-vos e regozijai, porque a vossa recompensa será grande no Céu» [32]. Não são, no entanto, uma coleção de aforismos para imaginar um utópico mundo melhor que *alguém* se ocupará de tornar possível, ou para se consolar falsamente diante das dificuldades

do momento. Por isso, as bem-aventuranças são também chamamentos exigentes de Deus ao coração de cada homem, que impulsionam a comprometer-se a trabalhar pelo bem e pela justiça já nesta terra.

Considerar com frequência as bem-aventuranças, talvez na oração pessoal, ajuda a saber como as aplicar na vida diária. Por exemplo, a mansidão concretiza-se tantas vezes «no sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo...» [33].

Ao mesmo tempo, quem procura viver segundo o espírito das bem-aventuranças, vai incorporando na

sua personalidade determinadas atitudes e modos de julgar as coisas que lhe dão maior facilidade para cumprir os mandamentos. A limpeza de coração permite-lhe ver a imagem de Deus em cada pessoa, considerando-a como alguém digno de respeito e não como objeto para satisfazer desejos retorcidos. Ser pacíficos leva-nos a viver como filhos de Deus e a reconhecer os outros como seus filhos, seguindo esse «caminho mais excelente» [34] da caridade, que «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» [35], transformando os agravos em ocasião de amar e rezar pelos que causam dano [36]. Em resumo, moldar o nosso coração segundo os contornos que as bem-aventuranças traçam torna realidade o ideal que Jesus Cristo nos propõe de ser «misericordiosos como o vosso Pai celestial é misericordioso» [37]. Transformamo-nos em portadores do amor de Deus, aprendemos a ver nos

outros esse *próximo* que necessita da nossa ajuda; somos em Cristo esse bom samaritano que sabe conduzir-se pela misericórdia para cumprir em plenitude a lei da caridade. Então o nosso coração dilata-se, como sucedeu com o da Virgem Santíssima.

Carlos Ayxelá – Rodolfo Valdés

---

[1] Cfr. *Lc* 10, 25.

[2] *Lc* 10, 26.

[3] *Dt* 6, 5.

[4] *Lv* 19, 18.

[5] *Mt* 22, 40.

[6] *Lc* 10, 28.

[7] *Lc* 10, 29.

[8] *Lc* 10, 29.

[9] *Homilia sobre o grande e santo Sábado* (PG 43, 462).

[10] *Lc* 10, 34.

[11] Santo Agostinho, *Sermão* 131, 6.

[12] *Lc* 10, 37.

[13] *Lc* 10, 37.

[14] Francisco, Mensagem, 24-I-2014.

[15] São João Paulo II, Discurso, 2-II-1999.

[16] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), n. 169.

[17] Francisco, Mensagem, 4-X-2014.

[18] Cfr. *Rm* 7, 12.

[19] *Mt* 22, 36.

[20] *Lc* 11, 46.

[21] *Mt* 15, 3-6.

[22] *Mt* 5, 17.

[23] *Dt* 30, 15-18.

[24] S. Josemaría, *Sulco*, 795.

[25] *Sal* 119 (118), 111.

[26] Cfr. São Tomás de Aquino, *Summa Theologica* , I-II, q. 106, a . 1, c. e ad 2, cit. em São João Paulo II, Enc. *Veritatis Splendor*, 6-VIII-1993, n. 24.

[27] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1717.

[28] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1716.

[29] Cfr. *Mt* 5, 3-12.

[30] Cfr. *Mt* 5, 10-12.

[31] S. Josemaría, *Forja*, n. 1005.

[32] *Mt* 5, 12.

[33] S. Josemaría, *Caminho*, n. 173.

[34] *1 Co* 12, 31.

[35] *1 Co* 13, 7.

[36] Cfr. *Mt* 5, 44-45.

[37] *Lc* 6, 36.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/vai-e-faz-o-mesmo-a-lei-de-deus-e-a-misericordia/ (15/12/2025)